

1 ESCUDO

Reporte

Semanario das
grandes reportagens

ANO I

29 de Novembro de 1930

Numero 17



LER NESTE NÚMERO: O fantasma de Vila Fria — O Marquês de Sousa, do Porto — Um drama da vida real, etc., etc.

Homens & Factos do Dia

A tirania na Russia

ESTE ano agitado de 1930 não podia terminar sem mais uma revolução. Ainda não estavam bem extintos os ecos da rebelião brasileira contra o despotismo de um grupo político que, segundo afirmam os revolucionários triunfantes, se apoderara por meios ilícitos das «rédeas da pública governação», como dizia o conselheiro Acácio, e já de novo estrechando os fios do telégrafo transmitindo ao mundo inteiro a notícia de uma nova revolta de grande vulto. Onde eclodiu a mais recente rebelião? No Perú? O Perú ainda há pouco fez apagar do seu pedestal de despotismo o antipático Leguia, que vinha sufocando a nação com os seus actos tirânicos e as suas perseguições impiedosas. Na Argentina? No México? Não. Toda a America do Sul efectuou já o seu programa revolucionário deste ano, programa sempre realizado com maior rigor do que os orçamentos do Estado. A America Latina, cumprida a sua tarefa, encontra-se em repouso até ao próximo ano, meditando no novo programa que deve, certamente, ser muito melhorado. A última revolução eclodiu na Europa, nesta Europa que já ensaiou, nação por nação, as suas faculdades revolucionárias — a principiar na Russia e a acabar na Italia de Mussolini, um revolucionario vencedor. E como tivesse chegado ao seu fim o programa europeu, com as lutas na Irlanda, os taids spartakistas na Alemanha e o riverismo em Espanha, a Europa, que não se quer deter no seu agitado caminho, resolveu tornar ao principio, fazendo uma revolução sobre outra revolução na Russia.

Motivos para revolta não faltavam nesse imenso país, meio europeu, meio asiático, sempre misterioso e quasi incompreensível para os que vivem no Occidente. A tirania era esmagadora, sufocante. A revolução bolchevista, que trouxera inscritas na sua bandeira maiores liberdades para o povo, mais largas garantias morais e sociais, degenerara rapidamente em um despotismo tão odioso e repugnante como o dos czares. No tempo dos imperadores vivia o povo sob o terror. Não se podia falar, não se podia criticar os actos dos senhores, e todas as grandes aspirações populares de liberdade e de progresso eram escutadas pelos grandes como se fossem blasfêmias. Os que ousavam erguer mais alto a sua voz eram deportados para a Siberia, fuzilados, trucidados. Veio a revolução para acabar com essa tirania feroz, desumana, e não encontrou melhor maneira de implantar a Liberdade senão estrangulando a Liberdade, nem forma de impregnar o coração humano de altos sentimentos de Solidariedade senão corrompendo o sentido da Solidariedade. Repetiam-se sob o regime bolchevista, que pretende simbolizar o aniquilamento da tirania e a liber-



tação do trabalhador da tutela capitalista e da politica mesquinha, os fuzilamentos à maneira do czarismo, as deportações em massa que arruinavam familias e arremessavam para a miséria e orfanidade crianças inocentes. O bolchevismo revelava-se, afinal, um czarismo do avesso.

Toda a literatura libertária que nós liamos com avidez antes da grande guerra, essa literatura genial que traduzia os anseios de perfectibilidade humana que, inacta, reside em todos nós, poder-se-ia, apenas modificando o nome das personagens, aplicar-se à Russia de hoje.

A verdade não está nas imperfeitas realizações do Homem, está nos seus sonhos aéreos, formosos, irrealizáveis. As tiranias passam e o sonho inquieto, doirado, fica. Os que sofriam ontem misérias e afrontas nas novelas de Dostoiévsky, Tolstoï e Gorki são os mesmos que sofrem hoje sob o despotismo de um Staline. E o que nos entristece é que esse Maximo Gorki, que sofreu com o povo, no tempo do czar, as angustias da clausura, as torturas da Siberia e a nostalgia no exilio, sofrimentos que ele imprimiu com tão grande penetração humana às suas novelas sombrias e dolorosas, não se apercebe agora que o sofrimento russo é idêntico ao de outrora, e proclame ao mundo a necessidade de fuzilar os que se revoltaram hoje contra uma tirania, como ele proprio se rebelara ontem. Não compreenderá esse glorioso e genial escritor que o Despotismo é sempre Despotismo, embora se apresente sob aspectos diferentes e que os homens dignos, os que sabem sentir sinceramente os anseios de perfectibilidade, devem rebelar-se não contra máscaras, que outra coisa não são os homens que momentaneamente incarnam esse Despotismo, mas contra o espirito, a ideia, o principio tirânico que o torna realidade?

Esta bravata infeliz do grande escritor russo é um dementido sintético a toda a sua obra. E é triste que um homem que se impôs ao mundo pela intelligência e pela nobre coragem com que lutou pelo bem-estar e felicidade alheias venha agora com um «radio» sintético apagar o brilho, o fulgor fascinante de uma vida immaculada. Gorki está velho, muito velho mesmo, e certas atitudes de velhos, plenas infantilidades, não encontram em nós a desculpa que temos sempre facil para as crianças.

Foi uma mulher, segundo propalaram as agências telegraficas, quem denunciou a conspiração que na Russia preparavam alguns elementos dissidentes da politica férrea de Staline. Era uma bailarina da Opera de Moscôvia, que pertence ao mesmo tempo á G. P. U., a feroz policia secreta russa, sucessora correcta e aumentada da odiosa policia czarista que tantas vítimas inocentes torturou. As mulheres têm, pela sua sedução natural, grandes vantagens sobre os homens para desempenhar cargos de espionagem. Nós, que romanticamente lhes atribuímos todas as atitudes de ternura e de bondade, não podemos conceber que dentro de um peito tímido de escultural beleza se alberguem senti-

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e critica a todos os acontecimentos de sensação nacional e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor
ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA

Chefe da Redacção
MARIO DOMINGUES

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 25442 — LISBOA
End. Teleg.: REPORTERX — LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescém os respectivos portes

mentos de traição. Infelizmente, o nosso romanticismo engana-nos. São inúmeras as mulheres que traem aquêles a quem estonteiam, numa comédia sinistra, aqueles por quem se mostram doidamente apaixonadas. Enquanto uma mão suave acaricia, a outra apunhala.

A libertação de um povo encontra-se às vezes dependente de uma secreta scena de alcova. Não nos parece, entretanto, que o povo russo se libertasse desta vez. Seria a substituição de um Despotismo odioso por outro Despotismo.

— Sim — dir-nos-ão os partidários do bolchevismo — há vítimas inocentes, porventura, mas sem elas o operário russo não teria as probabilidades que tem hoje de ascender a um mais elevado grau de mentalidade. Na defesa das conquistas da revolução, os dirigentes não deoem hesitar na prática da violência. Estão no seu direito.

Sim, é verdade. Mas não é menos verdade que os mais ousados no seu sonho de liberdade estão no seu direito de combater a Injustiça e a Tirania sob todos os seus aspectos, porque sem esse combate não há progresso possível.

Se não houvesse utopistas a humanidade ainda habitaria nas cavernas. Pena é que os utopistas, os sonhadores, nunca cheguem a aproveitar do seu sonho, que sempre os descendentes realizam e acham mesquinho.

MARIO DOMINGUES

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O Fantasma de Vila Fria

Uma mulher que aparece misteriosamente estrangulada por mão invisível

A REALIDADE da vida depara-nos, certas vezes, tão estranhos casos, que, a despeito da nossa já causticada sensibilidade, conseguimos contudo sacudir-nos os nervos em rajadas violentas de emoção.

Quantas vezes a fantasia ousada dos mais originais romancistas da especialidade não é superada pela extraordinária imaginação, pelos requintes de ferocidade, pela maneira perversamente inteligente que os grandes criminosos põem em jôgo para atingir os seus miseráveis objectivos.

Vem este introito a propósito duma comédia, com laivos de tragédia, interpretada no maravilhoso palco da natureza que é o Minho, por uma gananciosa e feroz família, bem digna dum remate final bem talhado e justo: — as grades duma cadeia, como apoteose, infelizmente ainda por realizar.

A DESILUSÃO QUE UM TESTAMENTO DÁ

Primeiramente, é posta em scena a farsa — a arsa dos preconceitos e das conveniências sociais.

Na freguesia de Vila Fria, concelho de Viana do Castelo, faleceu, há poucos meses ainda, o abastado proprietário A. F., bastante conhecido algumas léguas em redor, não tanto pela sua fortuna como especialmente pela influência local de que dispunha preponderantemente.

A família do finado, guardados os respectivos dias de luto, que o soberano convencionalismo impõe a gente de espectaculosas exterioridades, quis, finalmente, tomar conhecimento das últimas disposições do «saúdoso morto» — saber a fortuna exacta que a «santa alma que Deus chamava a si» deixara aos inconsoláveis parentes. E na presença de toda a família, com a solenidade exigida em tais actos, foi o testamento aberto.

Nesta altura há uma transmutação à vista, passando todos os presentes da profunda e sentida dor em que se achavam mergulhados para a mais viva indignação e espanto.

O defunto cometera um crime inqualificável, que ia contra os sagrados interesses da família — da família legítima que as rígidas leis sociais haviam legalizado. Dos bens legados uma importante parte era atribuída a M. M., filho de pais incógnitos, natural daquela vila e que a respeitável família execrava pela simples razão da sua extraordinária parecença fisiológica com o finado proprietário, motivo este que dera muito que falar ao mundo — àquêlê reduzido mundo, tacanho e mexeriqueiro, de Vila Fria.

No entanto, o testamento era bem explícito a tal respeito e os descontentes parentes de A. F. viram-se forçados a aceitar os factos. Moveram-se altas e poderosas influências no sentido de ser conseguida a anulação do testamento mas nada se pôde fazer, diminuindo, então, de intensidade a funda «saúde» pelo morto.

UMA ALMA PENADA QUE SE ENTRETÉM A AGREDIR UMA RAPARIGA

Surge aqui o quadro de mágica, diabólica e tétrica — à maneira terrífica de Edgard Poe, com aventesmas e fantasmas.

Nas casa da aludida família empregava-se como serviçal uma rapariguinha de 16 anos, de espirito fraco e facilmente suggestionavel, chamada Rosa e natural de Alvarães, do mesmo concelho.

Tempos passaram, até que, uma madrugada, quando um silêncio pesado envolvia a pequena

vila, à pobre Rosa, arrancada em sobressalto ao seu inocente sono, apareceu o espirito do proprietário A. F., o qual, em voz soturna e cava, a encarregou de ir exigir ao M. M. a restituição aos descendentes naturais dos bens herdados.

Não contente com essa façanha, o cruel fantasma, vestido à moda das almas penadas, de alvo manto a dar-lhe rigôr tradicional, começou a perseguir tenazmente a crédula rapariga, aparecendo-lhe em toda a parte e causando-lhe formidáveis sustos.

Para afugentar o maligno espirito fizeram-se rezas, talharam-se cruces, mas a alma a tudo resistia,



até aos próprios exorcismos divinos feitos por legítimo representante de Deus em Vila Fria — o padre da sobressaltada freguesia.

Essa obstinação do espirito mais convencera o povo, que começava a achar justa a restituição da herança, da qual a simpioria Rosa era o oráculo.

Resultados práticos, porém, não os alcançava a interessada família, pelo que fez meter no caso as artes malféicas do Demónio, que um dia, em que a Rosa andava no campo, fez cair junto dela uma chuva sobrenatural de grandes pedras — qual outro dilúvio universal para arrazar o mundo mesquinho.

Passados dias e ante o pasmo geral da povoação, que se benzia devotamente ao falar na miraculosa chuva de pedregulhos, registou-se nova ocorrência: a desventurada Rosa foi assaltada na casa da lenha por disforme aventesma, que, á falta de mais eloquente argumento, lhe lançou ao pescoço as mãos frias e descarnadas, no intuito de a estrangular.

Conforme pôde, espavorida, a pobre rapariga fugiu, vindo contar aos patrões o sucedido.

«Avisos do espirito para obrigar o M. M. a ceder a herança recebida... — murmurava, com convicção, o povo da vila.

A PRISÃO DUMA BRUXA QUE LÊ NO FUTURO COMO NUM LIVRO ABERTO

Chega, afinal, o acto de tragédia, comovente e atroz, que deixa em suspenso a curiosidade dos espectadores — todo o povo de Vila Fria.

Certo domingo, a Rosa, na companhia de seu pai, esquecendo tristezas e pezares, foi assistir a uma festa em Anhos.

Alguem, a quem ela fez sciente dos esquisitos casos que a atormentavam, aconselhou-a então a ir consultar uma bruxa de Viana do Castelo — «mulher de virtude de comprovado saber que só trabalhava em Deus e por Deus».

De facto, no dia seguinte, segunda-feira, a Rosa, ainda acompanhada pelo seu progenitor, entrou em casa da mirífica pitoniza. Com subido interesse assistiu aos trabalhos preliminares da luminar criatura, presenciando a mágica maneira de operar com evocações de espiritos bons e sinais cabalísticos traçados sobre um vaso de incenso queimado, ao mesmo tempo que rezava uns respostas de que só ela sabia o segredo.

Ao cabo, a sábia mulher de virtude exclamou em voz terrível e segura:

— E já tarde para lhe atalhar o mal que a consume... A minha sciência nada pode fazer agora... Esta noite, entre as duas e as quatro horas, vai dar-se uma coisa que fará a admiração de toda a gente. Depois acabará tudo, tudo...

A Rosa desfez-se em pranto ao ouvir a terrível predição, e o pai, para lhe dar um pouco de sossego, prontificou-se a passar essa noite em casa dos patrões dela.

Mas — a bruxa o havia afiançado — às duas horas da madrugada, com efeito, a serviçal, que tinha por companheira de quarto uma outra pessoa da casa, começou a gritar, aterrorizada, pondo em alvorço todas as pessoas:

— Acudam! Acudam, que me matam!...

O pai da rapariga foi o primeiro a acudir ao aflitivo apelo, indo encontrar a filha, desganhada, de olhos esgazeados pelo assombro, sentada na cama.

Entretanto, volta da cozinha, onde tinha ido por um chá, que fez beber a Rosa, a sua companheira de quarto.

E a infeliz creada, depois de ingerir a beberagem, levando as mãos à garganta, gritou alucinadamente:

— Aqui!... Aqui!... Tenho a garganta a arder... Sufoco! Mórro!... E apertando o pescoço numa ansia derradeira, tombou inerte e lívida sobre o leito, morta, com os olhos vítreos, abertos, nas vascas da agonia...

No pescoço, remarcada, violentamente, a rôxo, ficou-lhe o desenho duns dedos nervosos e crispados — certamente a pressão raivosa do «fantasma-assassino».

Misteriosamente, não tornando a ser visto, o copo por onde foi servido o chá mortal à desventurada Rosa desapareceu, por encanto, levado, sem dúvida, pelo tenebroso espirito.

UMA NOVA VÍTIMA AMEAÇADA

De Espozende, foi chamado, á pressa, por um dos membros da família, que é escrivão judicial, um médico amigo, o doutor Z., que verificou o óbito e passou a respectiva certidão.

A autópsia ao cadáver foi prescindida, como inútil, vestindo-se ao corpo da desgraçada serviçal, por indicação do citado médico, uma blusa de gola alta para lhe tapar os traços de tom violeta que a pele, em redor do pescoço, apresentava denunciadamente.

Mas o povo, sempre curioso, ao examinar o corpo da desditosa, estendido no caixão, comentava aquela morte misteriosa, crime de um negre-

(Conclui na pag. 15)

OS AMORES DE ABD-EL-KRIM

O GRANDE CHEFE RIFENHO, QUE TANTO DEU QUE FALAR À EUROPA, FOI IMPELIDO PARA A LUTA PELA AMBIÇÃO DE UM TRÔNO QUE QUERIA DEPÔR AOS PÉS DE UMA

PRINCESA, QUE O ADORA, E QUE AINDA O VISITA NO CATIVEIRO

NA cosmopolita Paris finalizava o seu curso superior, há já distantes anos, um estudante marroquino, atraente, de morena fascinação na figura altiva e máscula, e olhares embruxados de mouro, cujo nome arrevizado era de difícil pronúncia para os parisienses: — Abd-el-Krim.

De alma misteriosa, como as misteriosas noites dos desertos do Riff, inteligência aguda e serena, esse homem, novo ainda, constituía, pela sua complicada psicologia, um enigma vivo para as pessoas que com ele privavam e sobre as quais exercia uma estranha sugestão de simpatia.

Da sua raça receba por herança um temperamento ardente, aventureiro, entusiasta e sonhador, possuindo fisicamente uma extraordinária resistência a par de grande ligeireza, adquiridas, porventura, na prática de exercícios violentos através o lendário país de Allah e de esquivas mulheres.

Em viagem de recreio e sob rigoroso incógnito encontrava-se então na «cidade-luz», havia dias, uma princesa de sangue, linda mulher de arrebatadora beleza, a quem os franceses, eternos galanteadores, cumulavam de homenagens respeitadas: — a grã-duquesa russa M. P.

E uma noite, assistia Abd-el-Krim a um espectáculo de ópera, desempenhado por célebre companhia lírica italiana, quando um frémido de admiração, de murmurante «frisson» percorreu a escolhida assistência, cuja atenção foi desviada para um camarote de «avant-scène», no qual acabava de surgir uma formosíssima mulher. Era a grã-duquesa M. P., causa de inconveniente ciúzar.

Abd-el-Krim não pôde alhear-se ao geral movimento de curiosidade e o seu binóculo, indiscreto e insistente, fixou-se, demoradamente, na contemplação da sublime escultura de carne que era aquela maravilhosa jovem.

Tôdo o seu íntimo registou esquisito alvorôço. O sangue, quente e endoidado, correu-lhe mais apressadamente nas veias, enquanto as suas negras pupilas procuravam furtar-se à perturbante magia da linda princesa.

Desinteressou-se do espectáculo que no palco decorria vagarosamente.

No espirito alterado, gravou-se-lhe profundamente, a fortes pinceladas de emoção, a silhueta delicada da arrebatadora mulher: — o porte magestoso a sublinhar a suprema correcção das linhas, a harmonia adorável da figura de fino recorte, a suave beleza, fazendo lembrar as místicas de Angelo, os olhos doces, de esmeralda, distantes e sonhadores...

A saída do teatro achou meio de se cruzar com ela, nos corredores, envolvendo-a cariciosamente em incendiário olhar — numa maneira que lhe descobria tôda a ardência duma alma apaixonada e vibrante.

Teria ela reparado?

Mal sabia então Abd-el-Krim a decisiva influência que aquela adorável mulher viria a ter no seu destino aventureiro.

UMA VERÍDICA NOVELA DE AMOR QUE DECIDE DO FUTURO DE UM HOMEM

Decorridas curtas semanas, os jornais de Paris notificavam a partida para Berlim da grã-duquesa M. P., noiva oficial do príncipe G. A., filho segundo dos soberanos dum pequeno e industrial reino, engastado no centro da Europa.

No mesmo comboio, em carruagem reservada, instalado com magnificências de rei asiático, seguia também Abd-el-Krim, acorrentado a formoso sôhno de rara beleza espiritual.

O enlouquecido marroquino estava bem preso por avassaladora paixão, dessas paixões desesperadas, escravizadoras, que só se têm uma única vez na vida. E o perigo daquêle amor grandioso, irre-



Abd-el-Krim

sistível, atraía-o alucinadamente, absorvendo-lhe a razão, a inteligência.

Mas uma tortura atroz lhe esmagava o cérebro, com impiedade: a sua mísera condição de plebeu,



A misteriosa princesa

a raça barbara a que pertencia, a odiada religião dos seus antepassados.

Ela, porém, esquecendo-se de tradicionais preconceitos que fazem do mundo eterno palco de lutas fratricidas, acabou por corresponder com igual affecto ao enamorado mouro.

Um violento romance de amor foi então desenrolando-se, exacerbado ao máximo pelo extremo segredo que os dois eram obrigados a manter, revestindo as suas entrevistas de cuidadosa discreção.

E' que a Sociedade está sempre alerta!...

No entanto, tudo é relativo! — afirma-o respeitável e segura teoria. A felicidade dos dois românticos jovens apresentava-se seriamente ameaçada por uma sombra negra que se ia avizinando: a data dos esponsais dela aproximava-se vertiginosamente.

E ele, suplicante, eloquentíssimo, soube arrancar-lhe o juramento que colocava à sua frente um prazo de três anos.

— O mundo dá tanta volta, que em tão longo tempo era possível uma mudança que viesse beneficiar o seu amor!... — afirmava ele, convicto e esperançado, pensando audaciosamente, por amor dela, em arranjar um trôno para lho oferecer.

Separaram-se mais apaixonados do que nunca, — ela, subjugada por dolorosa melancolia, incerta quando à prometida felicidade, ele com um mundo de ambições ousadas e de ideias arrojadíssimas a povoar-lhe o cérebro encandescido.

OS FINS OCULTOS DA GUERRA DE MARROCOS

A ampulheta do Tempo, insensível às tempestades de interesses que turbilhonam a humanidade, continuou a rodar cêlere, implacável e justiceira.

E uma manhã a Europa foi sacudida por terrível convulsão que a deixou surpreendida: Marrocos, a terra das lendas e dos mistérios, lançou o seu estridente grito de revolta, pondo-se ameaçadoramente em pé de guerra.

A' curiosidade doentia dos povos foi apontado um homem, um louco visionário, cheio de doirdas ilusões, que se arvorou em fervoroso e heróico caudilho de uma causa justa. Abd-el-Krim, o estudante marroquino de Toledo e de Paris, era o homem discutidíssimo, de inteligência fria e vontade de ferro, que chamava a si tôda a tremenda responsabilidade dessa guerra.

Os anos foram rolando, tornando-se o irrequieto chefe rifenho numa enorme expectativa para as nações interessadas nessa luta desigual e impressionante.

Ninguém sabia os fins ocultos que levaram o famoso marechal mouro à declaração daquela guerra, feita a nações poderosas. Abd-el-Krim não queria confidentes; ele bastava-se para guardar as suas fraquezas sentimentais, os seus segredos. O desejo, pois, de se tornar igual em hierarquia social à mulher amada, mantinha-o latente, imperioso, encerrado bem no fundo do seu íntimo, só para ele, a alimentar-lhe a fornalha da vida.

Uma noite, os seus ajudantes de campo foram surpreendidos pela visita ao acampamento duma deslumbrante amazona, que ali se apresentava sózinha, inesperadamente.

Sendo tomada por espia foi imediatamente levada à presença de Abd-el-Krim, em cujos braços fortes se lançou, ante o pasmo de tôdos os assistentes. Era a bela grã-duquesa M. P. que, dessa forma arriscada, lhe oferecia a mais eloquente prova de amor e de desvairamento.

— Fugira da corte de Moscovo, porque havia terminado o prazo para o seu casamento com o príncipe G. A.. Não queria sacrificar a sua felicidade a um simples acto político de Estado... E desdenhando perigos, esfarrapando a sua elevada situação, ali estava junto do seu amado, para

(Conclui na pag. 14)

OS NEGOCIANTES DE NAUFRÁGIOS

Pablo, um húngaro naturalizado francês, é um homem suspeito que tem viajado a bordo dos navios das companhias de seguros que as companhias de seguros pagam mais caro do que ouro — Morrem os pobres inocentes em proveito

S. O. S.... S. O. S.... S. O. S....
 E' o apêlo que, arremessado através do espaço pela telegrafia sem fios, faz estremecer de pavor todos o que o escutam estarecidos por presentirem na sombra da distância uma grande tragédia marítima onde vidas humanas estão prestes a sossobrar. Na sua muda e pavorosa eloquência S. O. S.... S. O. S.... ilumina na nossa imaginação impressionável os quadros mais horríveis que a angustia humana pode suscitar. S. O. S.... é o último apêlo do condenado que pede aos ares ilimitados, que a aflição diviniza, o milagre da salvação.

Quantas pessoas têm assistido, impotentes, braços inúteis e cruzados, ao sossobrar vertiginoso de embarcações carregadas de vidas e haveres, sem lhes poderem valer! S. O. S. tem então as gradações intensas das almas que perigam. E', primeiro, aflitivo, mas cheio de esperança; depois, à medida que os socorros tardam e o risco aumenta, torna-se desesperado, com nuances de cólera sublime, de cólera contra a injustiça do Destino que fere à traição os que nele confiam. E por fim, mais lento, mais apagado, mais débil, S. O. S. contém toda a amargura do desalento, do fatalismo que se aceita vencido, abandonado às forças sinistras e indomáveis da má sorte.

E todos estes gritos — S. O. S.... S. O. S.... — que o mar tenebroso abafa, subtilizando-se em ondas silenciosas e invisíveis através da atmosfera, mais

nos impressionam pelo seu mutismo — porque é mais comovedora a dor que se transparenta sem ruído do que o grito, por vezes, vazio de sinceridade.

S. O. S.... S. O. S.... E o apêlo comovedor, feito de lágrimas invisíveis e impalpáveis, mais leves e subtis do que o ar que respiramos, atravessa mares e continentes, misturado com o oxigênio que nós respiramos, que entra, penetra dentro de nossos peitos, tocando-nos o coração — a nós felizes habitantes da terra firme, que insensivelmente desse desespero dos condenados distantes, rimos, bailamos, gozamos os films ligeiros, beijamos as nossas esposas, cantamos os nossos dinheiros, fumamos os nossos cigarros, bebemos os nossos vinhos em alegres festas de confraternização, enquanto os outros lá longe morrem abandonados às ondas cruéis que os engolem e depois os arremessam, saciadas, às praias, onde parte da humanidade se diverte e corrompe.

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO E A VIDA SÃO DOIS DIAS

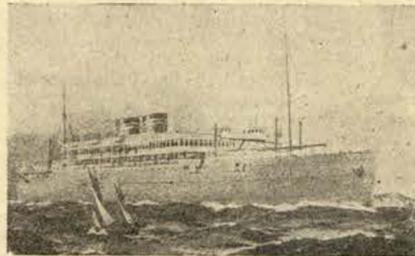
Só uma casta de indivíduos aguarda com ansiedade, com impaciência sacrilega, a recepção do sinal fatídico: os negociantes de naufrágios. Quando há dias, ali dos Farilhões, onde o *Highland Hope* se amolgou e perdeu, o telegrafista aterrorizado atirou aos ares, à sorte, o apêlo que consubstanciava a angustia de quinhentas e cinquenta vidas em perigo, houve, ao longe, um grupo de homens, de coração empederado, que escutou alegremente esse dobre de finados. Eram os tenebrosos negociantes de naufrágios.

Os naufrágios! Que variedade de sentimentos humanos eles trazem à superfície enquanto os navios vão ao fundo! A valentia dos que lutam com o mar em fúria, o altruísmo dos que arriscam a sua vida para salvar a vida de outrem, a cobardia dos que acotovelam mulheres, velhos e crianças para se libertarem primeiro à morte que os perseguem; a baixeza dos que se aproveitam do pânico para saquearem os naufrágios, que infinidade de revelações essas catástrofes marítimas provocam!

O sinistro do *Highland Hope* se, felizmente, de quinhentas e tantas vidas

uma só fez perecer, não deixou entretanto de nos ofertar um estranho e doloroso espectáculo.

Verificou-se com tristeza que os mesmos homens rudes e heroicos que, no momento do perigo, se portaram com nobreza e desinteresse, horas depois deixaram acordar em suas almas a fera adormecida, que desfibrou com suas garras afiadas e cruéis o monumento de heroísmo que nos maravilhara. Algumas das mãos que arrancaram misericordiosamente ao mar as vidas que o mar avidamente desejava, foram horas depois pilhar no seio do navio abandonado os haveres das vítimas. Em muitos beliches se encontraram calças e camisolinas desses simpáticos pescadores a quem o mar

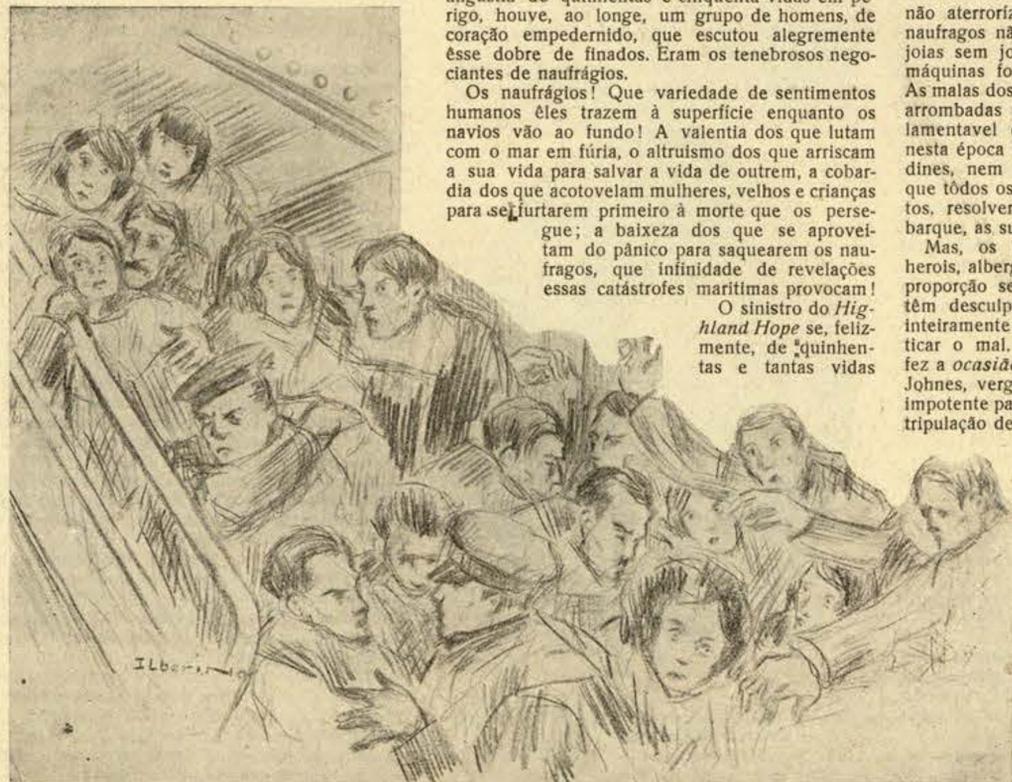


O «Highland Hope» antes do sinistro

não aterroriza, e em compensação os fatos dos naufrágios não apareciam. Havia muitos estojos de joias sem joias, de binóculos sem binóculos, de máquinas fotográficas sem máquinas fotográficas. As malas dos passageiros e as gavetas dos beliches, arrombadas e saqueadas, constituíam um quadro lamentável e vergonhoso. Não se encontraram, nesta época hibernal, nem sobretudo, nem gabardines, nem um único casaco de peles. Dir-se-ia que todos os passageiros, sofrendo de afrontamentos, resolveram abandonar no cais, antes do embarque, as suas roupas de abafa.

Mas, os larápios, que foram paradoxalmente herois, albergando ao mesmo tempo e na mesma proporção sentimentos nobres e baixos instintos, têm desculpa: a sua miséria. E a culpa não foi inteiramente sua. E' que lhes deram ensêjo de praticar o mal. «A ocasião faz o ladrão» — e quem fez a ocasião foi o comandante do barco, o pobre Johnes, vergado ao peso de setenta e cinco anos, impotente para conter em disciplinado respeito uma tripulação de beberrões, que habitualmente se embebedava depois das onze da noite, com tanto ruído e tal descompostura que os passageiros decentes tinham que se refugiar nas suas cabines a essa hora. O comandante Johnes fugiu ao perigo deixando a bordo, abandonados, alguns passageiros que aguardaram socorro até às nove da manhã. A sua precipitação foi tal que até se esqueceu no seu beliche da funda que usava para suportar a quebradura de que sofria.

Para a tripulação, o naufrágio foi apenas uma mudança de local de bebedeira. Deixou de se embarcar a bordo para se empiteirar em Peniche. A vida são dois dias... Mas para lá destes aspectos lamentáveis e mesquinhos do nau-



Uma visão de uma scena do naufrágio do «Highland Hope», por Ilberino dos Santos

«Nelson Line». — Sucata de ferro dos especuladores da fatalidade

frágio do *Highland Hope* — que foi a sorte grande para os Armazens do Chiado, Old England e Casa Africana — existe a vilania metódicamente, friamente organizada dos negociantes de naufrágios.

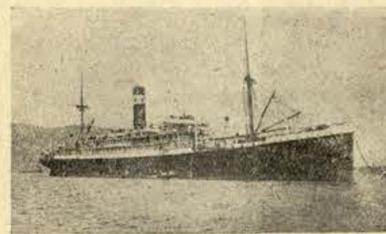
— Negociantes de naufrágios?! — perguntará assombrado o leitor, como nós perguntámos ao nosso velho amigo Guilherme quando ele nos enunciou ao de leve o tenebroso tema. — Mas existe essa gente sem coração nem escrúpulos?

Guilherme, que tem vivido mais sobre as águas do mar do que em terra firme, que conhece a maravilha as ciladas dos homers e dos oceanos, que já não se lembra quantas vezes, a bordo dos grandes transatlânticos estrangeiros onde tem trabalhado, fez a travessia da Europa para a America do Sul; ele, que sabe de cor o *chemin de Buenos-Ayres*, olhou-nos um momento e sorriu com piedade da nossa candura.

— Sim, meu caro — confirmou ele — negociantes de naufrágios. Não é uma criação fantástica a existência dessa terrível fauna no globo terrestre. A ferocidade nobre do leão, a perfídia traiçoira do tigre, a avides sinistra do abutre, nada são comparadas com a fria meditação desses *profiteurs* da desgraça, desses negociantes da fatalidade, que fazem calculos matemáticos e têm escrita montada.

Estavamos em sua casa: um quarto modesto em um quinto andar na Baixa. Ergueu-se, abriu a gaveta de uma cómoda e sacou de um maço de fotografias que foi passando ante nossos olhos, em busca de um documento para nos mostrar. Perpassaram em uma visão rápida perfis de transatlânticos. O *Massilia*, o *Princesa Mafalda*, que naufragou em condições misteriosas; o *Arlanza*, o *Zeelandia*, o *Almanzora*, o *Meduana* e o *Lutetia*. E cada fotografia, que se mostrava em um relampago, provocava-nos no espirito uma scentelha de nostalgia — a nostalgia das viagens que não chegámos a fazer, dos países que não visitámos e que, no entanto, têm cada um a sua isionomia própria, fantástica, na nossa memória.

— Cá está ele! — exclamou o nosso amigo.



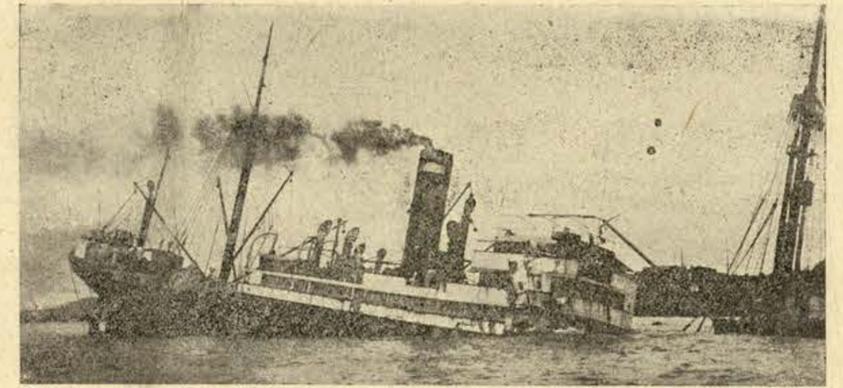
O «Meduana», que os negociantes de naufrágios varias vezes puseram em risco

E mostrou-nos uma prova de «kodack», pequena e nitida, onde figuravam dois homens.

— Foi este, o mais baixo — esclareceu — que, sem querer, me levantou um pouco do vau sob o qual se ocultam os negociantes de naufrágios.

Olhámos a fotografia com ávida curiosidade. O homem indicado era mais baixo do que alto, face rapada, boné de oficial de bordo, cuja pala projectava uma sombra transparente sobre uns olhos grandes, claros, que pareciam brancos.

— E' um tipo simpático, não achas? Ao nosso sinal de assentimento, Guilherme prosseguiu.



Um navio que se afundou em frente de Santos (Brasil) devido às manobras de secreta quadrilha internacional

— Conheci-o há anos a bordo do *Lutetia*, se não me falha a memória. Quando chegámos ao Rio de Janeiro convidou-me para ir passear com ele, e eu fui. E' um companheiro adorável. Fala uma infinidade de línguas. Gosta de pandegar e, no Rio, verifiquei que gastava dinheiro á doida. Ora Pablo (por este nome o tratávamos) era simplesmente interprete a bordo, e os seus ganhos, embora fartos, não justificavam tanta liberalidade. Desconfeitei, mas calei-me discretamente.

«Estabelecida entre nós uma certa confiança, Pablo contou-me um pouco da sua vida de aventureiro. E' húngaro. Quando se implantou no seu país a ditadura comunista, ele foi um colaborador precioso da revolução de Bela Khun. Pouco depois veio a contra-revolução, tão ou mais feroz do que a revolução, e Pablo, para escapar á morte, fugiu para Paris onde viveu algum tempo não sei como nem de quê. Sei que se naturalizou francês.

«Travou conhecimento com misteriosas personagens, a quem ele chamava pouco explicitamente «protectores», que lhe arranjaram várias colocações em diferentes navios. Não aquecia muito o lugar no mesmo navio. Esteve, disse-me ele, nos navios da companhia *Chargeurs Réunis* como chefe dos creados da terceira e tinha as chaves de alguns porões...»

O HOMEM FATAL, SEMPRE JUNTO DA FATALIDADE

Ao proferir a última frase, que arrastou e subtilizou, Guilherme calou-se um instante meditando, reunindo recordações, e prosseguiu:

— Quando, há tempos, viajava no *Zeelandia*, ao sair das Canárias declarou-se misteriosamente fogo nos porões da pópa. O incêndio, jugulado a custo, estragou muita carga. Na mesma viagem, dois dias antes de chegar ao Rio de Janeiro rebentaram os empanques pondo em sério risco a segurança do navio. Pablo ia a bordo.

«Quando o *Meduana* encalhou perto de Buenos Ayres, os porões encheram-se de água estragando-se a carga. Era Pablo quem tinha as chaves dos porões.

«O *Massilia* sofreu inúmeros desastres. De um me lembro eu, sucedido há pouco no Rio de Janeiro, que lhe arrombou gravemente a proa. Pablo viajava no *Massilia*.

«Quando o *Lutetia* fez da quilha portaló, Pablo embarcou no *Lutetia*.

«Recentemente passou para os navios da Nelson Line. Estaria ele agora no *Highland Hope* que teve tão triste fim em frente de Peniche? Não sei. Tu, que és jornalista, se o caso te interessa, investiga.»

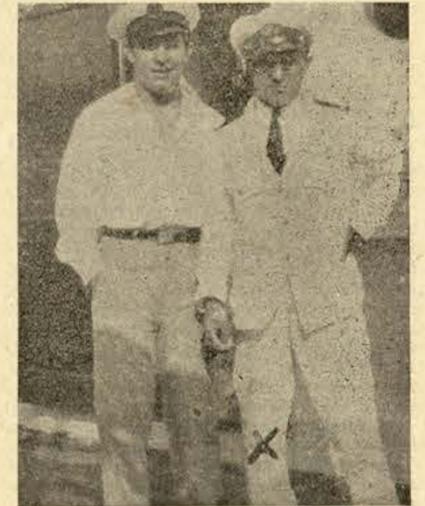
— Mas onde queres chegar com essas insinuações? — perguntámos nós, impacientes.

Guilherme tornou a sorrir, recomendou-nos calma apenas com um gesto da sua mão e explicou-nos:

— À parte a fatalidade, cada vez menos freqüente mercê dos meios de defesa constantemente aperfeiçoados pelo génio humano, existem duas causas de sinistros marítimos — os provocados por armadores que desejam desfazer-se de certos barcos e os

originados por carregadores fictícios, ambos os grupos atvejando o mesmo fim: arrancar das companhias de seguros as importâncias fabulosas em que estão segurados os navios ou as cargas.

«Companhias de navegação em más circunstâncias financeiras ou possuidoras de navios velhos e cansados, metem-nos tranqüilamente no fundo, sem respeito pelas vidas e haveres de tripulantes e passageiros, e exigem das companhias seguradoras a respectiva indemnização. Este banditismo das companhias de navegação é menos freqüente, porém, do que o dos misteriosos carregadores. «Estes têm na Bélgica, na França e na Holanda



Pablo (X), o agente misterioso dos negociantes de naufrágios

uma potente, uma formidável organização secreta, com membros espalhados por todo o mundo e agentes de confiança a bordo dos navios onde pretendem provocar desastres.

— E' espantoso!
 — Sim, é espantoso, mas é verdadeiro. Esses cavalheiros vão a um porto e, em nome de uma suposta firma, embarcam em barcos de luxo, pagando fretes caríssimos, numerosa carga de valor. Às vezes, o acaso descobre que certos caixotes herméticamente fechados e rotulados como se contivessem preciosas cargas têm apenas pó de cortiça e sucata de ferro. Compreendes? Há um fogo, um naufrágio, essa carga perde-se — e o seguro paga essa sucata como se fosse ouro!
 — E Pablo?
 — Pablo é um agente provocador de sinistros, por conta dos negociantes de naufrágios.

Quedámos um largo momento silenciosos, cada

(Conclui na pag. 15)



Morreria dentro de três, quatro meses, o máximo

A despeito das troças dos meus amigos e dos rapazes da minha idade que nasceram — dizem eles — com uma noção prática da vida, o meu espírito, o meu carácter tiveram sempre pelos chamados casamentos de conveniência a mais instintiva repulsa. Se um dia escolhesse para minha companheira, não aquela mulher que nos cativa pelos dons do seu espírito ou pela graça e fascinação natural do seu sexo, mas apenas a que me conviesse pelas riquezas que possuísse ou pela fortuna que infalivelmente viesse a herdar, creio que não teria depois de casado nem mais um minuto de alegria. Sentir-me-ia vendido. Aguardaria sempre com terror que um dia, a pretexto de qualquer desavença fútil (que nos casados por amor é tão necessária, de quando em quando, como o sal e a pimenta nos bons piteus), minha mulher me lançasse em rosto o dinheiro com que me comprara.

Têm-me chamado cretino, romântico, bota de elastico. Serei tudo isso talvez — mas vivo de consciência tranqüila e cabeça levantada. Nunca acreditei que a fortuna, conquistada pelo casamento, como por um negócio ilícito, possa fazer a felicidade de alguém. Pelo contrario, a falta de amor sincero em um lar, por muito farto que este seja, pode conduzir os conjugues às piores catástrofes. Apesar da minha discordância dos processos antiquados da literatura romântica, tão do agrado das meninas que, afinal, escolhem sempre que podem o pretendente mais rico e não o que mais impressionou sua alma, eu voto pelo «amor e a cabana» — um amor sem gestos intempestivos, nem discursos ao luar, e uma cabana que possua uma boa cama, um bom «maple» e uma mesa farta. E mais veio arrear estas minhas convicções o episódio tremendo, ocorrido há pouco tempo, que vou contar pormenorizadamente, disfarçando as personagens com nomes falsos — embora elas não merecessem de minha parte tamanha gentileza.

AS PERSONAGENS

Apresentemos desde já ao leitor curioso as personagens, para que se saiba com que espécie de gente se vai lidar.

José Marques de Almeida, empregado bancário, vinte e seis anos, buço leve ensombrando o lábio superior, feições correctas, cabelo escuro, bem penteado, vestindo «à papo-sêco»; olhar ávido, impertinente, pousando sobre todas as raparigas que lhe passem ao alcance; frequentador do Martinho; grandes ares de pessoa de haveres a disfarçarem os calculos e os equilíbrios com que governa o parco ordenado que mal chega para o alfaiate. E' por fora e por dentro um rapaz moderno. Discute os desafios de football, frequenta o cinema, lê o *Diário de Notícias* e folheia — só folheia — as ilustrações estrangeiras, com mão negligente, no estanco do Rossio onde compra o tabaco um pouco caro, mas, enfim, vistoso. Professa, como pessoa integrada na sua época, as teorias práticas do casamento por dinheiro. Nos bailes e *soirées* onde vai uma vez por outra e dos quais fala em alta voz à mesa do café, só procura relacionar-se com mulheres ricas. Quando vê herdeira boa *atira-se*. As outras, as pobres, namora-as por passatempo, para se distrair e mostrar aos amigos, entre gargalhadas de troça, as cartas em que elas ingenuamente lhe confessam a sua sincera afeição.

Francisco Marques de Almeida, irmão de José, quasi o mesmo aspecto exterior, vinte e oito anos, não usa buço, rapa-se cotidianamente à *gillette* e diz que gasta um dinheirão no barbeiro, onde, aliás, só vai uma vez por mês. Por dentro, é o irmão visto por uma lente de aumentar. Tivera na vida uma manchazinha, uma *criancice*, um desfalque no emprêgo, há anos, que o obrigara a retirar-se apressado para um bom lugar em Africa. Dois anos depois, o caso esquecera e regressou à metropole, porque não se dava bem com o clima africano... E' empregado de carteira numa companhia e procura activamente noiva rica — para lhe gastar a fortuna em automoveis e em pândegas com completistas de *cabaret* muito de sua predilecção.

Henriqueta dos Santos Veiga, vinte e dois anos viçosos, muito frescos, elegantes. Olhos aparentemente cândidos que, examinados com atenção, revelam em certos fulgôres tentações inconscientes. Educação austera que não lhe serviu de couraça suficientemente forte para impedir a penetração subtil dos vícios, defeitos, e mórbitas

Um drama da vida real

História absolutamente verdadeira de um lar orientado pelas ideias modernas que certos «papo-sêcos» professam sobre virtude, casamento e riqueza — Um dos bons tempos que tem a infelicidade de ser rico para fazer a felicidade de quem não a merece

aspirações da nossa época na sua alma, que, noutro ambiente, talvez estivesse fadada para os nobres destinos de esposa e mãe exemplares. Conversa bem e sabe fazer emanar da sua candura aparente uma sedução muito feminina, demasiado feminina, que ultrapassa os limites da *coquetterie*.

Libanio dos Santos Veiga, tio de Henriqueta. E' um velho austero, um homem de outros tempos, inflexível, intransigente com as liberdades de agora. Tomou a peito a educação de Henriqueta, que foi esmerada, à velha maneira: francês, piano, lavôres e serviços caseiros, porque Libanio entendia que mulher que não soubesse a fundo todas as tarefas de um lar, não era mulher. Aspirava para a sobrinha, sua única herdeira, não um marido rico, mas um homem honrado que vivesse decentemente do seu trabalho. O velho, com as suas barbas imponentes, pensava como o rapaz que assina estas linhas: A felicidade conjugal está no amor e não na riqueza.

PRINCIPIA-SE POR ONDE AS NOVELAS ACABAM: O CASAMENTO

Conhecem já os leitores com quem lidam. Vamos agora à acção, que é rápida, fulminante, cinematográfica como toda a vida do nosso tempo.

Foi pelo Carnaval, há poucos anos, num baile animado, elegante e tanto quanto possível honesto nessa época de folia, de loucura, que José Marques de Almeida conheceu Henriqueta. Dansou com ela, brincou, teve ditos de espirito e notou, ao apertá-la um pouco mais do que mandam as conveniências no decurso de um *fox-trot*, que dela emanava um perfume estonteante, uma sedução irresistível. Sempre brincando, durante toda a noite, bem coberto pela desculpa do Carnaval, foi-lhe



— Ó tio, que ideia! — exclamava Henriqueta cheia de horror

dirigindo madrigais que ela escutava com visível agrado. Soube que ela não dava *soirées* em casa, porque seu tio, viuvo e austero, não tinha alegria para essas maçadas mundanas, mas transigindo com a sua mocidade frequentava algumas casas amigas — onde poderiam encontrar-se... e flirter.

No final do baile, José, rapaz prático, que não gostava de perder o seu precioso tempo, tirou informes sobre o pretendente da sobrinha não podiam ser melhores: empregado bancário, ordenado modesto, susceptível de aumentos periódicos, uma pequena gratificação pelo Natal, cumpridor dos seus deveres, pontual. O sr. Libanio achou que era aquêlo o ideal de marido para sua sobrinha e anuiu ao casamento.

Começou a fazer-se encontrado com ela em casas amigas, travou relações muito respeitadas, muito corteses, com o sr. Libanio, que, apesar de velho e experiente, o achou simpático e bom rapaz, e *atirou-se*.

O namôro começou, grave, austero, como o tio gostava. As informações que o sr. Libanio mandou colher sobre o pretendente da sobrinha não podiam ser melhores: empregado bancário, ordenado modesto, susceptível de aumentos periódicos, uma pequena gratificação pelo Natal, cumpridor dos seus deveres, pontual. O sr. Libanio achou que era aquêlo o ideal de marido para sua sobrinha e anuiu ao casamento.

A INEVITAVEL MONOTONIA DE UM LAR SEM AMOR

Passados os primeiros entusiasmos da lua de mel, a vida dos dois noivos caíra em uma monotonia asfixiante. Tudo se metodizara sob a compressão do orçamento caseiro. O ordenado de José era integralmente absorvido pelos gastos do lar. O tio Libanio tinha muito dinheiro mas guardava-o, mais no propósito louvavel de habituar os sobrinhos, que muito estimava, a uma existência comedida, regrada e modesta, que era, segundo a sua opinião, um incitamento ao trabalho e um hábito de economia, do que por mesquinhez de espirito ou desejo de ver sofrer pessoas queridas.

Henriqueta via-se forçada a fazer calculos a que não estava acostumada, para manter uma elegancia e um luxo todos de apparencia, feitos de atavios baratos e vistosos, e José já não podia ter tantos fatos como em solteiro — o que o fazia corar de vergonha ante os *dandys* seus antigos companheiros. Consolava-o a ideia de que Libanio já não poderia durar muito e que aqueles anos de sacrificio seriam mais tarde largamente compensados pela boa herança que viria inteirinha para as suas mãos!

O tio visitava-os algumas vezes. Era uma maçada, porque o bom velhote aproveitava o ensejo para fazer aos sobrinhos longos discursos moralizadores, que elles escutavam respeitadas, cada um pensando, muito no intimo: «Fecha os olhos, deixa-me a fortuna e eu te contarei o que é moralidade».

— A mulher que atraiçoa o marido — dizia Libanio, ás vezes, em conversa — merece o pior dos desprezos. Se tu, minha querida, te portasses mal, deserdar-te-ia.

— O' tio que ideia! — exclamava Henriqueta cheia de horror.

— Que ideia, tio! — gritava José, erguendo os braços ao céu.

Mas por aquelas conversas eles compreendiam que deviam proceder com muito cuidado para não afugentar o oiro que aquele velho austero e rijo conservava bem seguro na sua mão firme.

Quem lhes fazia passar umas horas alegres, quebrando a monotonia severa daquela casa, onde o amor não cantava seus trinos luminosos, como o de certos canários pequeninos, modestos, que com

alguns gorgeios iluminam as baiucas mais sombrias, era Francisco, o irmão de José, que por lá aparecia todas as semanas a comer-lhes o jantar, a contar-lhes aneddotas e pândegas.

Henriqueta, muito em segredo, achava-o atraente, como certo actor cinematográfico da sua predi-



Ninguém sabia que as suas relações...

lecção. Longe dela estava, porém, qualquer ideia inconveniente. No entanto, reconhecia que o cunhado era um rapaz muito mais insinuante do que o marido. O tio Libanio é que não gostava d'ele. Achava-o um estoira-vergas sem juizo, muito espalhafatoso, demasiado criança.

AGUARDANDO A MORTE

José começou a andar triste, cabisbaixo, e a queixar-se de vagas dôres pelo corpo. Os médicos examinavam-no, auscultavam-no e achavam-no bom. Neurastenia, talvez...

No entanto, José emagrecia, e dois meses mais tarde, quando o seu corpo emagrecido bailava dentro dos fatos, que se tornaram excessivamente largos, é que um especialista segredou ao irmão que o enfermo estava perdido. Era uma doença nervosa que o mataria dentro de três, quatro meses, o máximo.

Embora não lhe tivesse amor, Henriqueta comoveu-se com a doença do marido.

Sofrendo por vê-lo sofrer, convenceu-se de que, afinal, se não o amava, tinha por elle uma grande estima, nascida certamente da convivência.

José piorava a olhos vistos. Uma fraqueza geral amarrava-o ao leito e, reconhecendo o estado precário da sua saúde, José disse um dia para a mulher, as lágrimas a enevoarem-lhe os olhos: — Daqui só sairei para o cemitério.

Henriqueta chorou convulsamente. O marido, embora respirasse, falasse a custo e a ohasse tristemente, estava já morto — morto para a vida conjugal. Era um farrapo, não era um marido.

Francisco, vendo o estado do irmão, abanava desoladamente a cabeça e segredava à cunhada:

— Está morto. Tenha coragem. Você é nova, não se deixe vencer pelo destino. Ele tem que seguir mais mês, menos mês, mais dia menos dia, a sua trajectória fatal. Você tem uma vida inteira à sua frente; pode vir a ser, com outro, tão ou mais feliz do que foi com elle.

E uma tarde em que Francisco tentava incutir mais ânimo na cunhada, nem ela soube como aquilo foi: sentiu os lábios d'ele colados aos seus.

Fugiu aterrorizada. Era uma infamia, um sacrilégio o que acabava de fazer.

QUEM CONTA COM MULHER DE MORIBUNDOS...

Mas, pouco a pouco, aquelas duas almas fôrão-se habituando à lama. A ideia de que José ia morrer em breve suavizava o seu remorso. Depois, quando elle morresse — elle tinha que morrer! — regularizariam a sua situação. Ninguém saberia que as suas relações tinham principiado cedo demais. Ninguém o saberia. Ah!, se o tio Libanio advinhasse, deserdá-la-ia sem hesitação! Era preciso guardar hermético segredo. E guardaram-no.

O doente continuava esperando a morte pacientemente e os dois cunhados iam preenchendo o tempo de espera com os seus amôres secretos, que por serem ilícitos lhes pareciam mais deliciosos.

Mas um dia José sentiu-se melhor, um sorriso de esperança iluminou suas faces. Operar-se-ia um milagre? Não. Eram esperanças vãs. O médico, pondo grande cuidado nas suas palavras para não acabrunhar aquela que já considerava viuva, dizia-lhe que tivesse paciência. As melhoras notadas não passavam de uma apparencia enganosa. O destino estava traçado — nada o deteria. Henriqueta e



Manteriam o lar venturoso e normal

Francisco, depois de escutarem as frases desalentadoras do médico, caíram nos braços um do outro, presos de uma estranha alegria. Tinham-lhes arrancado um peso de cima do peito. Ele morreria com certeza.

As melhoras, as illusórias melhoras, acentua-

(Conclui na pag. 14)

AGOIRO, DESGRAÇA, FATALIDADE!

Dêsde os tempos mais remotos até aos nossos dias a família Pina Manique tem sido sempre perseguida por uma sorte fatídica contagiando quem dela se aproxima — As consequências dessa fatalidade caprichosa estão sendo agora apreciadas no Tribunal de Santa Clara — Paira uma terrível ameaça sôbre duas crianças inocentes

O LEITOR já meditou alguma vez na razão, no motivo oculto porque á mesma banca de jôgo, á mesma hora, no mesmo minuto, dois jogadores são atingidos por sortes opostas? Um ganha tudo, o outro tudo perde. Porquê? Porque não há-de ser o contrário? Porque não hão-de ganhar ambos, ou perderem os dois ao mesmo tempo? Que força oculta, misteriosa, assim distribui indiferente, fria, inexorável, a fortuna e a desgraça? A que leis obedecerão a boa e a má sorte? Ao acaso. E o que é o acaso? Uma desculpa da nossa ignorância.



Uma das filhas de D. Alexandra Pina Manique

O certo é que a sorte tem os seus caprichos, as suas teimas, as suas regularidades e irregularidades desconcertantes. Mas o que mais nos impressiona não é a irregularidade com que atinge as pessoas e as coisas. A irregularidade na sorte é para nós tudo quanto há de mais regular. A anormalidade do acaso é a sua normalidade. Por isso lhe chamamos acaso, sorte, fatalidade, tudo sinónimos da irregularidade. O que mais nos espanta no acaso, na fatalidade, é quando se metodizam. Quando a desgraça atinge sistematicamente uma pessoa, nós, que ignoramos que força a dirige, aterrorizamos-nos. Porque não hão-de a ventura e a desgraça atingir proporcionalmente, irmãmente, tódos os seres?

Ora a família Pina Manique, antigos senhores mandatários da vila Manique do Intendente, do concelho da Azambuja e distrito de Lisboa, tem sido desde eras remotas atingida por uma fatalidade inexorável, persistente, infatigável. Os seus membros passaram sempre uma vida atribulada. Os actuais descendentes do célebre Intendente de D. Maria II e D. Miguel não têm sido menos perseguidos pela fatalidade do que os seus mais antigos avoengos. Porquê essa cruel perseguição do destino a esta família?

Segundo Pinho Leal, mestre em investigações de genealogias e linhagens, *Pina* é um apelido nobre em Portugal que procedeu do reino de Aragão, onde fundou uma vila que ainda hoje possui o solar dos Pinas. Passou este apelido a Portugal em 1282 com a vinda para o nosso país de D. Fernando Fernandes de Pina, embaixador do rei de Aragão, que acompanhou a Rainha Santa Izabel. E tanto se agradou de Portugal que por cá ficou e teve filhos, um dêles João Perez de Pina, a quem D. Fernando I, de



D. Alexandra Pina Manique, em solteira

Portugal, deu a alcaidaria de Castelo de Vide.

Foi este o progenitor dos Pinas portugueses, alguns se notabilizando muito em vida, e quasi tódos se notabilizando mais em morte, pois, como dizia Adriano da Silva no seu *Livro de gente illustre*, «pouco fôram aquêles que lograram morrer no leito, como cristãos.»

Uns assassinados, outros mortos nas guerras contra a Espanha de onde eram oriundos, ainda «outros mortos por motivo de amor, o que era freqüente na família», enfim, os viscondes de Manique fôram vivendo e morrendo quasi sempre de «morte de macaca».

Um antecessor do Intendente Pina

Manique, D. João Alves de Pina, chefe de um outro ramo da nobre casa, grande valido de D. João I, appareceu assassinado, não estando bem de acôrdo os historiadôres porque motivo, embora se suspeite que no acaso andasse metida a politica, segundo o testemunho de Teofilo Braga.

Mas também Pina Manique, o Intendente, o que contra si concitou mais ódios, talvez pelas perseguições que fazia, inerentes ao cumprimento escrupuloso dos deveres do seu cargo, não escapou ao signo fatal da família, e morreu uma madrugada em condições que ficaram para sempre envoltas em mistério.

Fôram feitas devassas, como então se chamavam ás investigações e inquéritos, mas a verdade nunca se apurou.

O que foi certo é que o Intendente da Polícia, o primeiro homem que deu iluminação pública á cidade, fundou a Casa Pia e deixou outras obras de real mérito, appareceu caído numa rua em consequência duma agressão, em resultado da qual faleceu.

Um neto, por desavenças com o pai, não quis usar o título de Visconde de Manique que foi assim banido com a morte de Diogo de Pina Manique, tendo esse visconde, que se envergonhara do seu título, morrido no exílio, roído de saúdaes, acabrunhado e arrependido dos desgóstos que dera ao pai.

UM PINA MANIQUE QUE SÓ DEPOIS DE MORTO PAGOU AS DIVIDAS

E chegamos, por assim dizer, aos Pinas Maniques dos nossos dias. O sr. Francisco de Pina Manique, em 1914, era assassinado no Cartaxo, em condições tão misteriosas que a policia não conseguiu uma única prova para levar os presumíveis criminosos ao banco dos reus. O caso é de ontem, e pelo escândalo que provocou está ainda, decerto, na memória de muita gente. D. Francisco de Pina Manique levava em pleno século XIX uma vida de fidalgo dissoluto.

Cheio de dívidas e constantemente ameaçado pelos credores, appareceu um dia assassinado. Porquê? Os motivos nunca fôram conhecidos, mas as condições especiais do seu viver logo fizeram correr que tinha sido vitima dos seus credores. De facto, Pina Manique tinha seguros de vida no valor de 4.000 con-

(Continua na pag. 15)

O sr. Waterlow por dentro

Uma empresa internacional arruinada, com grandes perdas no Canadá, por culpa do fabricante de notas — O que dizem os jornais subvencionados — Waterlow gosta de condecorações — Um falso representante da Turquia que o burla em 10.000 libras — A personagem misteriosa que Waterlow e Marang ocultam — O «REPORTER X» consegue penetrar na célebre fábrica de notas

LONDRES, 25. — (Pelo telégrafo). — Neste grande folhetim que é o chamado caso Angola e Metrópole, o que mais interessa aos leitores do *Reporter X* é conhecer o que há de inédito, de oculto, de verdadeiramente folhetinesco em tudo isto.

Em 1923, fundou-se no Canadá, organizada por Mr. Stela Learmon, antigo sócio de Waterlow, uma complexa empresa internacional. Waterlow, graças à sua influência no Banco do Canadá, conseguiu que este a capitalizasse.

A' ultima hora, porém, faltando às suas promessas, Waterlow esquivou-se a entrar com a sua parte de capital e a empresa faliu escandalosamente, depois de dois anos de graves prejuizos para o referido Banco. Uma atitude desta natureza, para a moral austera dos ingleses, é um caso de grande importância. A fim de desfazer esta má impressão, nestes últimos dias, alguns jornais que, segundo a voz corrente, são subvencionados por Waterlow, abordaram o assunto afirmando que o Banco pouco perdeu, mas sim um seu sócio, pessoalmente, é que tivera prejuizos. Ora, pelas minhas informações, Waterlow, prevendo que será obrigado a pagar uma indemnização, está fazendo uma grande manobra para explicar a sua ruína, dizendo que a soma perdida é do dôbro da quantia conhecida.

Apesar do respeito que o grande público ainda tem pelo antigo conservador Lord Maior de Londres, o ambiente é-lhe desfavoravel. Dizem que nas vespersas do julgamento quis comprar um jornal por 5.000 libras esterlinas para defender-se, não lhe permitindo a sua fortuna pessoal obter o triplo da soma que lhe era, por tal motivo, exigida.

O Banco de Portugal e os sócios de Waterlow estão furiosos; um destes, seu concunhado, cortou as relações com êle. Afirma-se que a clientela da casa, devido a êste escândalo, sofreu grandes prejuizos e que lhe vão exigir 50.000 libras de indemnização.

Mas como criou Waterlow, que é um homem honesto, pacato, uma situação tão melindrosa? Talvez na sua vaidade esteja a sua fraqueza e nesta a causa dos desaires por que tem passado e por que possivelmente virá ainda a passar.

Estamos chegados a uma das facetas mais curiosas do grande folhetim que o público português vem lendo atentamente há seis anos. Surge agora uma das surpresas mais interessantes do grande romance.

Waterlow é um *gaffeur* célebre. Seguindo-me informam, o motivo por que fundou a sua firma e impôs o seu nome foi por saber que outro fabricante de notas, o seu amigo Worss, tinha entrado no segrêdo do Estado da Dinamarca, em 1907, para a emissão clandestina aqui conhecida por «*crowers frígias*» — corôas frígias, por serem conseqüência de um episódio de política republicana. Worss, pela sua habilidade, mereceu do rei Cristiano a honra de um convite para ir a Copenhague e alcançou uma condecoração.

Ora a vaidade de Waterlow andou muitos anos ansiosa por segrêdos de Estado e condecorações. Dizem que foi por sua culpa que a casa que êle chefia e que tem o seu nome ia caindo no escandaloso *affaire* húngaro, semelhante ao dinamarquês, manobrado pelo *escroc* cheio de prosapias que é o sr. Gaston Lakeblue, uma espécie de Marang que tentou a emissão na Hungria. Fôram os sócios de Waterlow que evitaram a tempo que êle caísse na cilada. De outra vez, foi pessoalmente burlado em 10.000 libras por um falso representante do Governo turco. Consta-me que mal fechou o primeiro contracto com o Banco de Portugal, tentou êste obter-lhe uma condecoração portuguesa.

Alguem soube aproveitar hábilmente

O homem que morreu envenenado

D. Leonor Angela Bandeira de Paiva e Pona, tomando por realidade o que não passava de absoluta fantasia, entendeu que algumas passagens da novela «O homem que morreu envenenado», publicada no *Reporter X*, aludiam à sua vida particular e requereu, por intermédio da Justiça, que êste semanário esclarecesse se sim ou não essas passagens se lhe referiam.

Peremptoriamente declaramos que «O homem que morreu envenenado», novela emocionante publicada no n.º 14 deste jornal, é toda ella fantástica, nada tendo que ver nem com D. Leonor Angela de Paiva e Pona, nem com qualquer outra pessoa.

esta fraqueza. Êsse alguem, cuja pista estou seguindo, é uma personagem de grande importância que ainda não appareceu até à data no incomensuravel folhetim do Angola e Metrópole. Waterlow e Marang ocultam o seu nome porque essa personagem misteriosa é a principal causadora da queda ingénua do antigo Lord Maior de Londres.

REINALDO FERREIRA

Ultimas noticias

«REPORTER X» DESCOBRE O HOMEM QUE ORIGINOU A BURLA

LONDRES, 26. — (Pelo telégrafo). — A verdadeira fortuna de Waterlow era de quatro milhões de libras herdadas de seu pai. Fora o casamento, os seus negócios elevaram essa fortuna a dez milhões. Êle agora procura por todos os meios fazer acreditar na sua ruína. Todas as burlas de que êle é vítima têm um fundo suspeito.

De oito países que faziam notas na sua casa apenas dois continuam. Os prejuizos da casa por causa de Waterlow sobem a 50.000 libras depois do escândalo.

Descobri o nome do português que preparou facilidades a Marang. Passa por fidalgo, de Sousa Lencastre, e é ex-sócio de Oscar Blanc a quem as Memorias de João Chagas se referem acusando-o de espia alemão vendedor de Mata-Hari aos franceses.

Sousa Lencastre fez-se intimo de Waterlow antes do negocio e desapareceu misteriosamente depois. Esta minha descoberta causou sensação entre os jornalistas portugueses e os directores do Banco de Portugal.

Procura-se activamente o paradeiro dêsse sujeito, figura estranha do folhetim Angola e Metrópole só agora revelada.

REINALDO

LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO: — Desenvolvidas reportagens sobre êste sensacional assunto.

Um marquês de Sousa

“parente” do marquês de Sagres

**Uma visita magestosa de um falido imponente — Os hábitos de elegância do
ilustre falido — Uma reunião de credores delicada e afectuosa — A praça do Porto
prejudicada em 6.800 contos — A «crónica do furto» no «carnet mondain»**

EM fins de Outubro próximo passado, apeou-se de um «Packard» modernissimo à porta de um Banco muito conhecido da cidade do Porto um cavalheiro de estatura regular, tez morena e bem tratada de pomadas, elegantemente vestido de negro, monóculo reluzindo na órbita esquerda e côco encaixado na cabeça com meticuloso cuidado.

Este cavalheiro tão *chic*, tão *smart* e conhecido por toda a capital do Norte por já ter sido director de uma célebre companhia de seguros que faliu ruidosamente, era o marquês de Sousa.

Soprando baforadas de fumo do seu formidável havano, o sr. marquês, enquanto o seu carro esperava, dirigiu-se para o interior do Banco, cujos empregados o olharam com respeito e, em tom arrogante, manifestou desejo de falar ao Director. Um empregado superior, solícito, amavel, quasi untuoso, contente de servir com rapidez tão importante personagem, deu-se pressa em introduzir o ilustre visitante no gabinete da Direcção.

Sem tirar as luvas nem abandonar o charuto, o sr. marquês, após um breve cumprimento, expôs em poucas palavras, concludentes e firmes, os seus propósitos:

— Os couros (o marquês é negociante de couros) tiveram uma baixa tão consideravel que não me é possível satisfazer a importância dos meus débitos na sua totalidade. Embora contrariado vejo-me na contingência de lhe oferecer dez por cento para liquidação imediata do total.

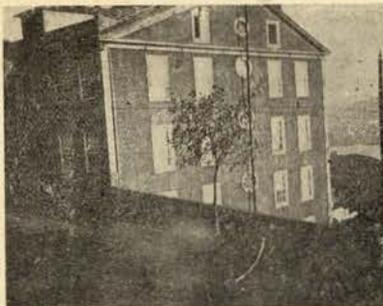
O marquês de Sousa, muito nobre, muito elegante, muito desdenhoso, tinha simplesmente falido. O director do Banco, primeiro olhou-o suprendido; depois, verificando, num relâmpago de pensamento, que estava sendo vítima de uma mistificação tremenda, recusou-se terminantemente a aceitar as condições que aquêle vencido lhe ia apresentar com atitudes de vencedor.

Teimou ainda o cavalheiro de industria... ou comércio de couros em convencê-lo. Mas tudo foi em vão. O marquês, então, sempre polido, correcto e enfatuado, despediu-se da sua vítima, rodou sobre os calcanhares e voltou a

reclinar-se, solene e *chic*, nos estôfos do seu «Packard», último modelo, deixando no Banco, de mistura com a indignação do burlado, um rastro vaporoso de perfumes caros.

SEMPRE ELEGANTE, OFERECER MAIS CINCO POR CENTO

A «limousine» tomou, magestosa, o caminho do alfaiate, onde o titular encomendou um par de calças de xadrez



O palacete do marquês dos couros

(êle tem uma especial predilecção pelo xadrez) e, ao mesmo tempo, liquidou a facturazita anual, que oscila habitualmente entre trinta e quarenta contos — uma bagatela... Depois mandou o apuramado *chauffeur* seguir para o sapateiro, onde também fez encomenda de uns cinco pares de sapatos e liquidou a conta anual de quatro contos — outra ninharia...

Estava preenchida a sua tarde. Abandonou o carro na Praça da Batalha e seguiu a pé a Rua 31 de Janeiro. (O marquês gosta de fazer um pouco de *footing*.)

Passou por um estabelecimento a informar-se da sua farda. E' que o marquês conseguiu ser chefe de bombeiros voluntários de uma cidade provinciana. Tem uma farda ornada de vistosos botões de ouro americano, que o obrigam a uma despesa fabulosa em pomada para limpar metais.

Realizadas estas visitas tornou a meter-se no seu automóvel, que o seguiu perto, e bateu para casa, um lindo palacete na Restauração, 292. Mal chegou,

logo o seu criado de quarto correu pressuroso a descalçar-lhe os delicados pés dos não menos delicados couros que os escravizavam.

Posto à vontade, enfiados os pés em confortáveis pantufas carmezens, o importante comerciante falido despediu o criado com um assobio especial, dirigiu-se ao escritório e, aconchegado no seu «robe» de branda sêda, caiu em meditação profunda. De súbito, como que despertando de um sonho, tomou resolutivo o auscultador do telefone e ligou para o Banco.

— Está lá — perguntou êle, comunicando com quem havia conferenciado momentos antes. — Está lá?... Sim, sou. Escute, depois de um rápido exame às minhas contas verifiquei que podia dar-lhe mais cinco por cento... Sim, quinze por cento... Não lhe convém? Paciência, aguardaremos a resolução dos outros.

E desligando, acomodou-se serenamente à secretária e, com mão firme, traçou convites aos seus crédores.

São nove horas da noite. Estão presentes todos os convidados. Êles sabem que o marquês gosta mais de se fazer esperar do que esperar. A conversa tem o seu quê de diplomático. Fala-se pausadamente, pesam-se os argumentos, meditam-se as palavras a proferir. E sempre com aquela linha fleugmática que usam os homens de Estado ao discutir as condições de paz após uma guerra destruidora, Sua Excelência, depois de muito instado, ofereceu quasi por favor, como se ainda houvessem de lhe ficar agradecidos, vinte e dois e meio por cento aos seus crédores, e como garantia de pagamento deu o aval de várias casas bancárias que antecipadamente lhe ofertaram a sua ajuda nesta infelicidade.

O negócio do marquês é, pelo que se está expondo serenamente, a falência. E' nas quebras que êle tem encontrado as suas melhores prosperidades. Quanto maiores são as suas façanhas neste género mais considerado é na praça do Porto.

Houve ainda uns pequenos óbices a discutir, pormenores sem importância

(Conclui na pag. 15)

«T. S. F. X» é o posto receptor de «Reportei X» instalou para interceptar todos os «rádios» cochichados pelos cafés, segredados pelos cantos da cidade, bisbilhotados pelos salões, pelos bastidores... Até aqui o potin jornalístico, o boato cor de rosa... ou de cor da tinta da China, limitava-se a pincar de oxigênio a gente de Teatro... Era o «Retroz Preto»... «T. S. F. X» faz com retroz preto os potins de todas as classes — da literatura, do mundanismo, da imprensa, dos cinemas, etc. etc....



UM ACTOR, ESPÃO DA ALEMANHA

OS bastidores dos teatros, que são também os bastidores da vida íntima dos actores e actrizes que o público contempla em travesti, continuam a ser o mesmo centro de má lingua de outros tempos e a mesma fonte de boatos ora escabrosos ora picarescos. Nêles se desfia e desfibra a vida de toda a gente, em especial a dos próprios actores, porque, embora oficiais do mesmo ofício, não se poupam uns aos outros.

Há dias, a propósito dos artigos sobre espionagem no tempo da guerra que o Reporter X tem publicado, conversava-se em certo camarim de espões portugueses ao serviço da Alemanha.

— Também houve espões na nossa classe — disse um actor, cujo nome não é agora para aqui chamado.

E contou em alta voz que, em 1917, um actor muito conhecido e falado, nesse tempo, pela sua veia cômica, fizera uma viagem a Espanha a fim de — diziam os jornais — desempenhar um papel de grande relêvo em certo filme cômico. Causou sensação que uma empresa estrangeira contratasse um actor português para figurar como protagonista de um filme. Os patriotas andavam doidos e contentes e já diziam com orgulho:

— Os estrangeiros quando querem coisas boas vêm procurá-las a Portugal.

Depois, como tudo, a viagem desse actor esqueceu. O tal filme nunca se viu, nunca foi passado em ecrãs nacionais, nem lá de fóra. E esse actor voltou a representar nos palcos portugueses, tranqüilamente, como dantes. Apenas se sabia que ele estava — e está — rico, riqueza que, a despeito dos seus honorários fartos, devia ter sido adquirida misteriosamente.

— Pois esse actor — dizia há dias um artista em certo camarim — foi apenas a Barcelona fazer espionagem por conta da Alemanha.

Quem será esse actor?

FIRMEZA DE CONVICÇÕES

LOGO em seguida à implantação da República — que foi uma surpresa para muita gente — verificaram-se inúmeras adesões de monárquicos ao novo regime. Eram esses recentes republicanos mais republicanos do que aqueles que já o eram no tempo da monarquia,

distinguindo-se pelo rancôr com que perseguiram os seus antigos correligionários e até alguns republicanos sobre quem eles faziam pesar a acusação de infieis às novas instituições.

As revistas do ano, com a irreverência que as caracteriza, que lhes dá alma e interesse, apresentaram-se a tomar os «adesivos» à sua conta, apresentando-os com uma casaca de duas faces, uma negra, grave, à conselheiro Acacio, outra vermelha, escandalosamente berrante e democrática. Os possuidores dessas casacas vestiam-nas, de um ou outro lado, conforme as conveniências de momento.

Com o decorrer dos anos, o povo já quasi não distingue os genuínos dos adesivos. E são raras pessoas ainda conservam o receio de exprimir afoitamente as suas convicções. Uma dessas raras é, segundo nos contam, um director de um Banco muito importante e conhecido. Esse não volta a casaca mas, em compensação, possui no seu gabinete de trabalho um famoso panneau com duas faces. Numa aparece o retrato do sr. Afonso Costa, na outra a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O panneau volta-se segundo as convicções politicas das pessoas que visitam esse conhecido banqueiro.

E no entanto toda a gente sabe que ele é católico e monárquico...

UM HOMEM EXTRA- VAGANTE MAS HONRADO...

NUM destes últimos sabados, ao principio da tarde, um estrangeiro, que ao primeiro golpe de vista aparentava ser pessoa de haveres, entrou em um «stand» de automoveis muito conhecido da Avenida da Liberdade e manifestou vontade de comprar um carro. Foi atendido sollicitamente pelo gerente da casa, que o cumulo de atenções e lhe mostrou alguns dos melhores carros em exposição. O estrangeiro, que falava espanhol, disse que queria um veiculo barato para nele visitar os suburbios de Lisboa que lhe haviam gabado muito. Para barato, o gerente do «stand» indicou-lhe uma «familiar C. 6», que custava a bagatela de sessenta contos? Sessenta contos? Porque não? O cliente achou em conta e, sacando do seu livro de cheques, preencheu um talão com a quantia pedida. Não regateou, parecia convencido de ter feito uma boa compra.

O gerente da casa recolheu, com o cheque na mão, ao seu escritório. Não sabia se deveria ou não aceitar o cheque e entregar o carro. Era sabado e, áquela hora, os Bancos estavam fechados; no dia seguinte, domingo, continuavam encerrados, de forma que só na segunda-feira poderia saber se o cheque teria no Banco a respectiva cobertura. Pensou, meditou e por fim, com aquele encolher de ombros com que os jogadores atiram para o pano verde as últimas notas, recolheu o cheque e mandou entregar o carro. Sempre era uma venda de sessenta contos, que não se faz todos os dias, e recusando o cheque poderia ao mesmo tempo atirar à rua um bom negócio.

O estrangeiro levou o carro.

À tarde, quasi á hora de fechar o «stand», appareceu um cavalheiro bem posto que desejava falar ao gerente para propôr-lhe um bom negócio. Queria vender-lhe uma «familiar C. 6», marca da casa, nova em folha, por oito contos. O gerente, ao escutá-lo, teve um baque no coração.

— Que numero tem o carro? — perguntou ao novo cliente, que parecia tranqüilo de consciência e mostrava um sorriso de esperança em bom negócio. Tinha precisamente o numero do carro que ao começo da tarde vendera ao estrangeiro.

— Quem lhe vendeu esse automovel? — inquiriu ainda.

— Um estrangeiro que disse que tinha de embarcar amanhã no Massilia para a Argentina — respondeu o novo cliente.

— Estou roubado! — exclamou o gerente.

Era lógico que estivesse roubado. Podia-se lá compreender que um homem fôsse tão doido que vendesse por oito contos ou menos um automovel que horas antes lhe custara sessenta? O cheque deveria ser falso — só assim se poderia explicar aquella liberalidade, aquella loucura.

Aflito, participou o caso ás autoridades. Correu á agência marítima a saber se o homem realmente embarcaria no dia seguinte. Com efeito, o seu nome lá estava na lista dos passageiros de primeira classe.

No dia seguinte — domingo — o gerente, acompanhado pela policia, foi para bordo do Massilia. Pouco trabalho tiveram em encontrar o passageiro, o estranho comprador da «familiar C. 6».

— O cavalheiro não pode embarcar! — disseram-lhe.

— Porque pagou com um cheque de sessenta contos um carro que nessa mesma tarde vendeu por uma décima parte do seu valor.

Sem se alterar, o estrangeiro confessou que



UM DRAMA DA VIDA REAL

(Continuação da pag. 9)

vam-se de dia para dia, ante o sorriso sceptico e triste do medico. Voltou o apetite ao doente. E uma tarde, sentindo-se com mais forças, ergueu-se em segredo, vestiu-se e apareceu de subito a mulher, para lhe fazer uma agradavel surpresa.

Ao vê-lo, de repente, Henriqueta soltou um grito de pavor e horrivelmente pálida, contorcida por estranhas dores, correu a fechar-se no quarto.

Minutos depois, ante o espanto de José, que nada percebera daquele terror, ouviam-se na alcova de Henriqueta uns vagidos de criança recém-nascida. Os amôres ilícitos acabavam de dar o seu fruto antes do tempo.

A GRANDE LUTA INTÍMA DE JOSÉ

O grande especialista de doenças nervosas, fiel a um seu velho hábito, tinha-se enganado. José não estava perdido e regressava à vida rapidamente. Ressuscitava para destruir os planos da mulher e do irmão. Sua existência ia prolongar-se saudavel e forte para assistir ao desfecho de um grande drama. Era como se regressasse de uma grande viagem e viesse encontrar a mulher com um filho de outros nos braços.

Que iria dizer o tio Libanio quando tivesse conhecimento daquela vergonha, daquela ignominia?! Deserdá-la-ia! Esta ideia apavorou o empregado bancário, que traçara com tanto método o plano de conquista de uma fortuna que sua mulher, imprevidente, afugentava de suas mãos. Tinha-lhe mais odio pela fortuna que o fazia perder do que pela ofensa que lhe dirigira. A sua honra perdida era o menos — o pior seria a perda da herança.

Inviadiu-o uma grande colera contra Henriqueta, contra aquela criança que gemia, ali, a dois passos, como um intruso que viesse com a sua presença envenenar a ventura alheia. E seu irmão? Não lhe perdoaria! Sentia-se com coragem de lhe meter uma bala na cabeça! Mas isso traria o escândalo, a cadeia, a perda da herança do tio Libanio!

COMO O DRAMA DEGENEROU EM COMÉDIA

Dois dias depois, Henriqueta, José e Francisco, como três bons negociantes ante uma operação

realmente assim acontecera, porque apenas quisesse utilizar o carro para um pequeno passeio pelos arredores e como não estava disposto a levá-lo para a América o vendera por qualquer preço.

Ninguém acreditou naquela justificação. O gerente do stand estava nervoso, impaciente. Julgava-se na presença de um desses famosos intrujões cosmopolitas, de sangue-frio inalteravel.

— Não, o senhor não pode embarcar enquanto não se rebater o cheque! — exclamou.

— Mas eu não posso deixar de seguir neste vapor — respondeu o estrangeiro. — Gastei dinheiro na passagem e, além disso, tenho importantes negócios em Buenos Ayres que exigem a minha presença ali. Se fico em terra, terei prejuizos enormes.

— Não confio no seu cheque — teimou o gerente. — Embarque depois de eu receber o dinheiro!

— Não quero — tornou o viajante — que se duvide da minha honra. Ficarei com uma con-

dição, discutiam com calma a situação. Não empregavam palavras inúteis, não perdiam o seu tempo com ninharias. Eram todos três pessoas muito práticas, muito modernas, muito do seu tempo. Os seus esforços conjugavam-se para alcançar o objectivo comum: manter o lar venturoso e normal. Argumento sobre argumento, opinião sobre opinião, concertaram o plano.

— Bem — dizia Francisco — entendo que o telegrama para o tio Libanio deve ser concebido nestes termos: «José consideravelmente melhor já se levanta ponto Henriqueta deu à luz um menino que terá o nome de Libanio ponto Venha admirar felicidade deste lar ponto Francisco.»

— Optimo! — exclamou José dando no ombro do irmão uma pancada amigavel.

Pálida e linda, Henriqueta sorriu entre a alvura immaculada dos grandes almofadões do leito e murmurou com voz débil, angelical, innocente:

— Vocês são o demónio...

Poucas horas depois o sr. Libanio, alvoroçado, chegava quasi chorando de contente, e debruçando-se para o leito, onde o bebé dormia junto do seio da mãe, disse convicto:

— E' a cara do pai!

REPORTER MARIO

QUEREIS DINHEIRO ?

Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registro

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

dição: o senhor indemnizar-me-á de todos os prejuizos da demora.

O gerente, convencido de que tratava com um habil intrujão, aceitou as condições, assinou as de punho firme. E o estrangeiro veio para o Avenida Palace aguardar tranqüillamente o dia de segunda-feira.

Logo de manhã o gerente apresentava com mão trémula o cheque no Banco. Aguardou alguns minutos — minutos de impaciência, de ansiedade, de angustia quasi. O empregado gritou de alto o número da sua ficha e perguntou:

— Quanto?

— Sessenta contos — murmurou o gerente com voz apagada.

— Um, dois, três... sessenta contos.

Nunca a recepção de dinheiro causara tanto assombro a um homem.

À tarde, o estrangeiro exigia, por intermédio da justiça, uma indemnização de oitocentos contos ao «stand» — pelos prejuizos que lhe causara aquela demora em Lisboa.

Afinal era um homem honrado...

M. D.

OS AMORES DE ABD-EL-KRIM

(Continuação da pag. 5)

combater ao lado d'ele, morrer com ele, naquela guerra de que se adivinhava causa occulta...

Abd-el-Krim ficou assombrado. Depois tremeu de medo, de pavor, por ela, pelo seu desvaireamento. A derrota das suas forças seria um breve facto. Ele estava perdido e nunca consentiria no sacrificio inútil dela. E novamente lhe suplicou que partisse, escondendo a verdade da sua situação.

Inventou pretextos para a afastar, mentindo-lhe piedosamente: — «Que havia de sair vencedor, e então...»

E ali, na sua tenda de campanha, em pleno deserto, sob uma apoteose de fusilaria intensa, terrível e atroadora música da metralha, dos canhões, tiveram a sua primeira hora de noivado, no desespero de nunca mais se tornarem a vêr...

A COMPENSAÇÃO DE UM AMOR DESESPERADO

Vencido Abd-el-Krim, as autoridades francesas exilaram-no na Normandia, em arruinado castelo da Ilha da Reünião, onde vive acompanhado pelos seus seis filhos e pelas suas mulheres, em obediência às leis islamicas.

Os seus ócios são preenchidos pela composição de peças poéticas e literárias, nas quais lamenta a perda da mulher amada e chora os seus infortúnios.

Fôram algumas dessas sentidas poesias, pedaços da sua alma maguada, publicadas em várias revistas estrangeiras, que me permitiram reconstituir todo o doloroso drama da sua vida.

Hoje que os factos passaram à História, e de Abd-el-Krim resta sómente a recordação vaga dos seus feitos heróicos, o valoroso rifenho é assistido no cativeiro por meia dúzia de sólidas amizades — dessas amizades que resistem à voragem do tempo e à derrocada dos ídolos queridos.

Entre os seus amigos verdadeiros, dos mais íntimos, há um português que foi valente capitão das suas hostes aguerridas: — o algarvio Manuel de Brito Junior.

Foi esse homem que me confirmou a existência dum violentissimo amor na vida de Abd-el-Krim, indicando-me o nome das personagens, que eu encubro com iniciais, aliás autênticas.

Brito Junior contou-me ainda, matando as horas longas duma viagem Porto-Lisboa, que, de tempos a tempos, a tristeza do exílio de Abd-el-Krim é quebrada pela visita duma sedutora mulher europeia, de requintada elegância e semblante um pouco fatigado, entregue sempre a amargurada tristeza.

Essa suave figura de martirio e de mistério apresenta uma extraordinária semelhança fisica com a grã-duquesa M. P., affiançando algumas pessoas da Ilha da Reünião, que a vêem passear com Abd-el-Krim, tratar-se da princesa G. A., esposa do filho segundo dum dos actuais reis dum dos países da Europa Central.

O que há de verdade nessa gratuita afirmação, não se sabe.

Um só facto resalta visível e sintomático: E' a profunda saúde que se estampa nos olhos sonhadores do vencido marroquino quando essa mulher, no final duma delirante semana amorosa, parte novamente para só voltar muito tempo depois.

AMERICO FARIA

REPORTER X

ENCONTRA-SE À VENDA EM TODOS OS PRINCIPAIS QUIOSQUES E TABACARIAS

AGOIRO, DESGRAÇA, FATALIDADE!

(Continuação da pag. 10)

tos, em várias companhias estrangeiras, que deviam ser pagos aos seus credores em caso de morte, ficando o remanescente, que pouco era, para os herdeiros.

Nunca foram descobertos os criminosos, mas os credores foram as únicas entidades que beneficiaram com o crime...

CONTINÚA, NOS ACTUAIS PINA MANIQUE, O SIGNO TRÁGICO DA FAMÍLIA

Não fogem ao signo trágico da família os actuais descendentes do Visconde de Manique, representados em linha directa pela senhora D. Alexandra Nogueira de Pina Manique, filha do assassinado do Cartaxo. Para se aquilatar da sua pouca sorte basta dizer-se que foi desventurada com o primeiro marido, o sargento Antonio Ferreira Coelho, que no noticiário dos jornais e na crónica judicial ficou conhecido pelo «morto vivo». O facto é de agora e não vale a pena fixar nêle, por muito tempo, a nossa atenção. Lembramos apenas esta coincidência curiosa: o sargento Coelho esteve prêsno no Limoeiro, na cela onde Pina Manique, o avô da antiga espôsa, tinha mandado encerrar Bocage...

Agora, no Tribunal Militar, está sendo julgado José Alves Mota, seu actual marido, acusado de ter convidado Duarte Ferreira, que o denunciou à policia, a matar o Ferreira Coelho, que assim ficou conhecido pelo «morto vivo». A família Pina Manique causa a desgraça daquêles que dela se aproximam, não dá tampouco a felicidade aquêles que a ela pertencem.

Mas por ondê se verifica que não parou ainda a maldição que o destino lançou sôbre a família Pina Manique, é que uma pequenina de 8 anos, a filha de Ferreira Coelho e de D. Alexandra Pina Manique, se o crime de que é acusado agora Alves Mota — que não se provou — se tivesse cometido ficaria orfã, e a filha dêste, se o pai partisse para o degrêdo, não ficaria em boas circunstâncias.

As duas crianças, ambas da família Pina Manique, têm suspensa sôbre as cabeças inocentes uma desgraça imanente. Oxalá a fatalidade, que é incoerente e incerta, tenha o capricho de poupá-las, permitindo que, pela primeira vez ao cabo de alguns séculos, a família Manique e os que dela se acercam, sigam uma nova trajectória mais serena e venturosa.

COSTA JUNIOR

A sair brevemente:

A Novela Policial

O Fantasma de Vila Fria

(Continuação da pag. 4)

gado fantasma. Lá estava a côr arroxeada do peçoço a comprovar o macabro facto...

O cadáver foi a enterrar no cemitério de Alvarães, onde a estranha história chegara já, observando-se nesta freguesia o mesmo movimento de curiosidade, por parte do mulhierio, manifestado em Vila Fria.

Agora, é um creado da casa, que começou também a ver espiritos maus...

Que novo acto surgirá nêste ignorado drama da provincia?

E' a interrogação que o povo Ingênuo e crédulo lança à sua mente, sem obter resposta satisfatória.

Eis, na sua tenebrosa simplicidade, a narração do caso de Vila Fria, no concelho de Viana do Castelo, que as autoridades competentes desconhecem, as populações locais contam, persignando-se, e o Reporter X transcreve para que os seus leitores cheguem a segura conclusão, por meio dum fácil raciocinio.

Porque a verdade ressalta sempre, pura e infismavel!

CRONISTA INDISCRETO

AVISO AOS INCAUTOS

Constou-nos que um individuo de nome Carlos Utra Machado, iludindo algumas pessoas na sua boa-fé, se apresenta como redactor do Reporter X fazendo supostas reportagens e entrevistas e sacando aos incautos algumas quantias para pagamentos dos seus illusórios serviços.

Esse individuo nunca foi redactor do Reporter X, para o que não tinha a menor aptidão, nem sequer nosso empregado. Apenas se propôs angariar à comissão anúncios para o nosso jornal. Essa mesma incumbência lhe retirámos, não só porque para ela se mostrava incompetente como por desconfiarmos de que êle, em nome do Reporter X, pretendia fazer especulações pouco dignas em seu provelto material.

Agora, que mais insistentemente corre o boato de que êle se inculca como nosso reporter, apressamo-nos a esclarecer a situação, aliás, insignificante, que teve neste periódico, e ao mesmo tempo prevenimos o publico de que os nossos redactores trazem consigo um cartão de identidade por nós fornecido, que têm obrigação de mostrar a quem lho exigir.

Os negociantes de naufrágios

(Continuação da pag. 7)

um visionando as desgraças que o egoismo humano é capaz de provocar. Na nossa imaginação passou tôda a tragédia do *Highland Hope*, comandado por um homem sem energia, alquebrado, certamente honesto, que a mão oculta e tenebrosa dos negociantes de naufrágios impeliu para uma desgraça pior do que a morte — a desonra aos 75 anos. Evocámos a dramática lua de mel daquêles noivos, cheios de esperança no porvir, que perderam tôdas as suas economias nessa madrugada nevoenta; pensámos naquêlo pobre espanhol, tão cuidadoso, tão previdente, o único que dormia vestido para não ser surpreendido por uma catástrofe, sempre alerta para à primeira voz ter, entre os seus quinhentos e cinquenta companheiros, tôdas as probabilidades de escapar à morte e que foi, afinal, o que a morte, sorrindo irónicamente da sua previdência, escolheu para sua vítima. Em far-

O marquês de Sousa

(Continuação da pag. 12)

que se arrumaram em um momento, entre dois sorrisos, e tudo ficou concertado.

Aproveitando uma pausa mais longa, o marquês premiu um botão eléctrico; momentos depois surgiu um criado de librê, ajoujado com uma preciosa bandeja de prata sôbre a qual cálices de cristal finissimo continham precioso vinho do Porto que os circunstantes saborearam sorridentes.

Mais dois dêdos de palestra amena, como se não se tivesse acabado de prejudicar a praça do Porto em 6.800 contos, como se o que se acabara de discutir não fôsse uma das maiores, mais asquerosas e daninhas *escroqueries* dos últimos tempos, e os visitantes retiraram-se quasi paternalmente acompanhados até à porta pelo marquês dos couros. As despedidas foram affectuosas, lamentando tôdos a pouca sorte do falido no seu malfadado negócio. Ele, porém, recebeu com indiferença as palavras piedosas e, encaixando melhor o monóculo fulgurante na órbita esquerda, acabou por devolver às suas vítimas as frases piedosas.

MUITO CONHECIDO NOS GRANDES HOTEIS E CÂRCERES DA EUROPA

Este homem tem uma intelligência viva e uma grande experiência da vida adquirida principalmente nos cárceres de Berlim, onde foi habitante forçado, devido a uns insignificantes desvios... E' muito viajado. Conhece os melhores hotéis da Europa e olha sobranceiro para a ralé. Nisto difere um pouco do marquês de Sagres, de saudável memória, que tem de vez em quando a nostalgia da ralé.

E se não fôsem umas quebras, alguns negócios porcos e uns estâgrios na prisão, ninguém diria, ao vê-lo tão elegante e magestoso, que é irmão gémeo dos larápios reles, menos felizes do que êle porque não têm palácio, nem automóvel, nem gozam a suprema ventura de verem seus nomes no *carnet mondain*. Os jornais enganam-se sempre incluindo-os na «Crónica do furto»...

REPORTER G.

rapos de dôr, de ignominia e de drama, tôda a a catástrofe do *Highland Hope* deslizou como um film na nossa imaginação, e sobrepondo-se à horrível evocação erguia-se uma sombra sem rosto, ameaçadora, tenebrosa, diabólica — a sombra dos negociantes de naufrágios.

S. O. S.!. S. O. S.!. Socorro! Socorro deve a humanidade pedir contra êsse bando secreto, bem mais perigoso do que o mar encapelado, do que tôdos os elementos em fúria.

S. O. S.!. S. O. S.!. — contra os especuladores da fatalidade!

GUIDO RUIVO

◆◆ Grande Hotel da Batalha ◆◆

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C. A., L. DA

☐ Magnificas instalações ☐
 Serviço de mesa primoroso
 EXPLENDIDA SALA DE JANTAR
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

MANUEL JOAQUIM BARBOSA

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.^a o

Hotel Restaurant Pinto Bessa

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visita-lo é preferi-lo.

Proprietario — LUIZ CORREIA

CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA

Travessa da Picaria, 28
 O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NOITES NOVAS VARIADADES — «SOIRÉES»
 Serviço de Restaurante e Gabinetes
 ABERTO TODA A NOITE

CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES

DE PREDIOS

Especialidades em pinturas

A. R. CARVALHO
 Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

VICTORIA CAFÉ

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

O mais confortável
 mais completo ☐
 mais higienico ☐

Grande exito de todas as noites

Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Explendidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

NICOLAU FERRAZ

Espanha, França, Brasil e América do Norte



PASSAPORTES

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

É caro? É! Mas no ESCONDIDINHO

come-se, porque o ESCONDIDINHO

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel -- PORTO

V. Ex.^a Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda? EXPERIMENTE E VERÁ!!!

SAPATARIA LAGES

R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteo pela lotaria de Lisboa

FOTO-ESTRELA POLAR

62 — Rua de Santa Catarina — 64
 Telefone: 2158 PORTO



PELES

Casacos, echarpes e raposas nacionais e estrangeiras. Pelaria das melhores procedências para confecções. Curte, tingi, limpa, transforma e confecciona todas as peles. Envia-se amostras para a provincia e remetem-se encomendas contra-reembolso.

Grandes abatimentos às modistas — Formidavel sortido em malas, pastas e carteiras.

Esta casa executa concertos em capas de borracha, malas e tingi com perfeição

A NACIONAL

Fábrica de malas, carteiras, pastas e confecções de peles

DE A. FERREIRA VEIGA, LTD.

Rua da Palma, 34, 1.º — LISBOA Telefone N. 3624

NOTA — Não confundir esta casa com qualquer outra semelhante, pois é "A Nacional", a mais antiga no género e a que melhor serve e mais barato vende.

Mendonça, L.^{da}

COMPRA E VENDA

DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL

EM 1.ª HIPOTECAS

Rossio, 74-1.º

SABÃO CASTELO

O melhor produto para tirar nodos

Preço 1\$00

À venda em todas as drograrias

COELHO DA COSTA

AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa

Escrever ou falar para a RUA CHÁ, 129-132—PORTO

TELEFONES / Agencia 1412 / Residencia 2187

"GARANTIA"

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00
 Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6.611.363\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece à matemática e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO

(EDIFICIO PROPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14

Casa Bancaria Sousa, Cruz & C. A. Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71

(EDIFICIO PROPRIO)

AGENCIA "A PORTUENSE"

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15 PORTO

VISITE o CLUB RITZ

R. Fernandes Tomaz, 817 PORTO

Explendida orquestra «JAZZ»
 A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do PORTO e LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS

Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.^a pedir oferta da

UNDERWOOD

ao agente: CARLOS DUNKEL-R. Sá da Bandeira, 62
 Telefone: 1013—PORTO